



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

SALA DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR COM FORMAÇÃO E A PRÁTICA EM LIBRAS NO MUNICÍPIO DE ITAPIPOCA – CE

Autora: Aratrícia Maria Martins Freire

Professora da Rede Pública Municipal - aratriciama@hotmail.com

Co-autora; Rita Martins da Silva

Professora da Rede Pública Municipal - ritajca@hotmail.com

RESUMO

O seguinte estudo apresenta como ocorre a formação de professores para atuarem na sala de Atendimento Educacional Especializado – (AEE) e como isso contribui para o processo ensino-aprendizagem. Conseguimos perceber que a educação inclusiva ela está longe de ser incluída de fato dentro da sociedade e com o deficiente auditivo não acontece diferente. Considerando que a socialização de uma segunda língua no caso LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) promove no ser humano um desenvolvimento de interação entre os sujeitos surdos e ouvintes, pois ambas as classes precisam aprender a lidar de fato uns com os outros através de uma forma de comunicação sistemática. A necessidade de entender essas questões nos levou a pesquisar os seguintes autores: Tardif (2002), Roldão (2007), Souza (2002) e Imbernón (2004). Por meio da leitura e relatos dos professores licenciados pudemos constatar a importância da libras na formação de pessoas que buscam a aprendizagem de forma geral, foram construídas duas categorias de análise: a relação com o professor formador: proximidades e distanciamentos; e, comprometimento com o ensinar: influências, marcas e características. Os resultados indicaram a importância do professor –formador para a atividade profissional no caso o uso da libras na sala de AEE e sala regular, pois o formador influencia diretamente na formação e concepção pedagógica do futuro professor, pois não só os conteúdos, mas as formas de trabalhá-los e os valores a eles associados atuam como uma espécie de modelo na aprendizagem da docência. Sendo assim, percebemos a satisfação em aprender e ensinar uma segunda língua dando prioridade as pessoas com deficiência auditiva.

Palavras-chaves: Formação de professores, formadores e Atendimento Educacional Especializado.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO

Em muitos ambientes de estudos sobre educação inclusiva discute-se a necessidade da sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) dentro da escola regular com a finalidade de auxiliar no melhor desempenho do ensino - aprendizagem de crianças com deficiência, mesmo diante de tantas dificuldades e sabendo que esse processo não é rápido e fácil, pois há muitas vertentes e entraves que dificultam a implantação e monitoramento dessa modalidade de ensino assim como a formação do docente que irá atuar no AEE.

A formação dos professores é fundamental para que a aprendizagem esteja centrada no potencial de cada aluno, de forma que uma incapacidade para andar, ouvir, enxergar, ou um déficit no desenvolvimento não sejam classificados como falta de competência para aprender e nem causa para que os alunos desistam da escolarização.

Desde 1996, a pessoa com qualquer deficiência têm direito assegurado pela Lei Federal 7.853 de estudar em escolas regulares, definindo o preconceito como crime. Desta forma nenhuma escola ou creche pode recusar, sem justa causa, o acesso as pessoas com necessidades educacionais especiais à instituição. Mas Sabe-se que as escolas não estão preparadas nem fisicamente para receber essas crianças.

A convenção de Guatemala (1999), promulgada no Brasil pelo decreto nº 3956/2001, afirma que a pessoa com deficiência tem os mesmos direitos humanos e liberdade fundamentais que as demais pessoas. Mas na realidade vivida dentro da escola vemos que não funciona assim há discriminação dos próprios profissionais e docentes, percebe-se que falta formação adequada para o grupo escolar.

Diante disso o ministério da educação em 2003 cria o programa educação inclusiva: direito à diversidade, visando transformar os sistemas de ensino em sistemas educacionais



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

inclusivos. Em 2008 a equipe da secretaria de educação especial MEC elabora As Políticas Públicas Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva portaria nº555/2007, prorrogada pela portaria nº 994/2007. Assegurando os direitos de cidadania e aceitação da pessoa com suas limitações, numa luta para que a inclusão se insira, efetivamente, buscando mudança na democratização e melhoria da qualidade de ensino nas escolas.

Na Universidade Federal do Ceará temos o curso de letras- libras onde a primeira turma é de pessoas surdas, partindo desse conhecimento do assunto pudemos ver a importância do professor e aluno aprenderem a língua de sinais brasileira.

Um pouco da história da Libras e a formação do professor

De acordo com o MEC (2006, p.17) o professor da Sala de Recursos Multifuncionais, deverá ter curso de graduação, pós-graduação e ou formação continuada que o habilite para atuar em áreas da educação especial para o atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos. A formação docente, de acordo com sua área específica, deve desenvolver conhecimentos acerca de: Comunicação Aumentativa e Alternativa, Sistema Braille, Orientação e Mobilidade, Soroban, Ensino de Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS, Ensino de Língua Portuguesa para Surdos, Atividades de Vida Diária, Atividades Cognitivas, Aprofundamento e Enriquecimento Curricular, Estimulação Precoce, entre outros.

A Língua Brasileira de Sinais é uma língua que tem ganhado espaço na sociedade por conta dos movimentos surdos em prol de seus direitos, é uma luta de muitos anos que caracteriza o povo surdo como um povo com cultura e língua própria que sofre a opressão da sociedade majoritária impondo um padrão de cidadão sem levar em conta as especificidades de cada um destes cidadãos.

Sendo assim, através de anos de luta o povo surdo conquistou o direito de usar uma língua que possibilitasse não só a comunicação, mas também sua efetiva participação na sociedade.

Segundo Tardif (2002), o objeto do trabalho docente são os seres humanos que possuem características peculiares. O(A) professor(a) trabalha com sujeitos que são individuais e heterogêneos, têm diferentes histórias, ritmos, interesses necessidades e afetividades. Isso torna as situações de ensino complexas, únicas, imprevisíveis e incabíveis em generalizações ou esquemas pré-definidos de ação.

Podemos destacar como uma primeira característica do trabalho docente o fato de ser um



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

trabalho interativo. O ensino dirige-se a seres humanos que são ao mesmo tempo seres individuais e sociais. Além de individual o objeto do trabalho docente é também social. Sua origem de classe e seu gênero o expõem a diferentes influências e experiências que repercutem em sala de aula provocando diferentes reações e expectativas no(a) professor(a) e alunos(as). Neste sentido, Tardif (2002, p. 130) nos alerta que "o objeto do trabalho docente escapa constantemente ao controle do trabalhador, ou seja, do professor"

A Língua Brasileira de Sinais foi denominada Libras a partir do II Congresso Latino Americano de Bilinguismo para Surdos, realizado em 1993, em substituição à denominação LSCB, posto que LSCB era o termo utilizado apenas em pesquisas linguísticas e Libras era o termo utilizado pela comunidade surda.

As línguas de sinais, hoje, são consideradas pela linguística, não mais como um problema do surdo ou uma patologia da linguagem, mas como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo.

O aluno que tem a deficiência: surdez necessita de auxílio em sala de aula de um professor, instrutor ou intérprete. A sala de recursos multifuncionais na escola regular tem como proposta ensinar LIBRAS para proporcionar a este alunado o acesso a informações sociais e conceitos curriculares que facilite sua compreensão do conteúdo abordado na classe comum e participação ativa na sala de aula. Para tanto, exige-se que o professor da SRM seja um profissional proficiente em Língua de Sinais – Professor (a) Bilíngue, para que dessa forma, haja uma interação direta entre professor e aluno sem que seja necessária a presença do intérprete.

Utilizando a Língua de Sinais como língua de instrução, o professor bilíngue desenvolverá materiais didáticos que possibilite a formação de conceitos e acesso a informações, como já explicitado. Respeitando a experiência visual de abstração do aluno surdo a SRM deve estar enriquecida com recursos visuais, a partir de uma metodologia dialógica de fortalecimento e enriquecimento dos conteúdos expressos nos materiais utilizados.

Para Roldão (2007) o entendimento de ensinar referia-se ao “[...] sinônimo de transmissão de um saber, que atualmente deixou de ser socialmente útil”, principalmente se levarmos em consideração que as informações estão disponíveis nas sociedades como um capital global. Nas sociedades atuais, a função de ensinar é, segundo Roldão (2007, p. 95), “[...] caracterizado pela figura da dupla transitividade e pelo lugar de mediação”, o que implica, numa leitura mais pedagógica e alargada a um campo vasto de saberes e conhecimentos, incluindo os



disciplinares.

Souza (2002) mostra os problemas dessa visão reducionista e assinala a necessidade de se incluir nas discussões, a *Escola*. Comenta que nos cursos de formação ou capacitação docente, a qualificação pretendida fica mais centrada na figura do professor e tende a priorizar o campo técnico, endossando uma noção (ou um discurso ideológico) de falta de capacitação ou atualização, isolando a discussão do contexto da escola.

A Língua de sinais brasileira precisa ser ensinada /aprendida dentro das escolas entre alunos ouvinte, pois acredito que a partir dessa socialização entre pessoas ouvintes e surdas poderá de fato haver comunicação, assim posteriormente acontecendo inclusão escolar e social.

IMBERNÓN,(2004, p. 61) Além dos conhecimentos profissionais, também cabe à formação inicial criar oportunidade para uma análise da realidade social, um entendimento da educação no âmbito mais global das práticas sociopolíticas e do desenvolvimento humano.

Segundo Imbernón (2004 p.97), a formação docente deixou de ser vista apenas nas disciplinas científicas ou acadêmicas, para outros saberes da prática, surge o sistema relacional na formação. Com essa nova proposta e crítica os programas de formação de IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011 professores terão que propor uma formação teórico-prática com saberes da docência.

A Educação Especial é uma modalidade de ensino e não um sistema substitutivo de ensino. Portanto, a Educação Especial não deve ser substitutiva ao ensino regular e, sim, complementar e/ou suplementar. Sendo oferecida de forma substitutiva, ela é ofertada de forma complementar e/ou suplementar, a educação especial não impede que o aluno frequente o ensino regular. Em termos mais simples, quer dizer que não deve haver sistemas paralelos de ensino especial, como, por exemplo, escolas especiais com séries ou anos funcionando conforme o ensino regular, mas se destinando exclusivamente ao ensino de alunos com necessidades educacionais especiais.

METODOLOGIA

Durante o tempo de implantação das salas de atendimento especializado obtivemos a experiência de lidar com os surdos fazendo a troca de conhecimento com os alunos que não conhecem libras e é muito gratificante ver eles aprendendo os sinais, compreendendo o novo, pois aprender libras e ensinar ou repassar o que aprendemos é algo que nos transmite muita



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

satisfação e a sensação do dever cumprido.

O mais incrível é como as pessoas que tem contato com libras se apaixonam logo da primeira vez que têm esse contato, porque é algo novo que requer atenção e compromisso, porque ou você pratica aquilo que você aprendeu ou você esquece.

O professor do AEE utilizará esse espaço para trabalhar em turno inverso ao do ensino regular de acordo com a necessidade específica de cada aluno, no caso da deficiência auditiva precisamos ir além ter um acompanhamento em sala de aula com um interprete ou tradutor que infelizmente não temos em todas as salas que necessitam desse profissional. É um trabalho que exige muito estudo de uma segunda língua tanto para o professor como para o aluno, pois a família como pioneira da educação do filho acaba repassando sinais diferentes dos formais aprendidos na comunidade surda isso atrapalha um pouco no sentido do aluno com surdez compreender aquele novo mundo na escola. O professor mais uma vez tem a missão de estabelecer as adaptações necessárias para que esse aluno possa construir seu aprendizado. Mesmo para o professor que fez ou faz o curso de libras não é fácil lidar com esse novo mundo, imaginemos os alunos que mesmo com surdez estão descobrindo libras aos 28 anos de idade por exemplo, como temos casos assim, pois são muitos sinais e as vezes a pessoa acaba por esquecer algum sinal ou confundir pois alguns são muito parecidos a configuração da mão é a mesma só muda o movimento ou o local do corpo. O professor que não tem habilidade em movimentar as mãos sente muita dificuldade na sinalização das libras, assim como o aluno aprendente também, são muitos os recursos pedagógicos e de acessibilidade para utilizar a libras parte de cada profissional lidar com as estratégias que utilizará.

Queremos destacar a importância desse espaço de AEE e da formação do professor dessa sala, uma vez que essa oferta de trabalho é algo que vai além de uma garantia de acesso à escola dos alunos com deficiência auditiva, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. O AEE poderá ser um lugar onde esse aluno falará de si e das suas especificidades enquanto sujeito em constante processo de aprendizagem.

No município de Itapipoca existem 18 salas de AEE em funcionamento, onde se observa vários impasses que vão desde a aceitação da família e instituição, para a realização do projeto de AEE, pois há falta de conhecimento e valorização do mesmo por ser novo e seus resultados não serem imediatos, sendo que a criança atendida leva certo tempo para conseguir obter êxito na sala de aula, o aluno com deficiência auditiva ele dá um resultado mais imediato pois aprender os sinais é mais prática existe a teoria mais é no sentido de saber como surgiu a libras e a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

diferença entre a língua portuguesa falada e escrita.

Muitos professores que estão lotados nessa modalidade, passam por várias formações com o intuito de fortalecer essa modalidade, atualmente todos passam por formação com diferentes níveis de curso entre eles: braile, libras, deficiência intelectual, português libras, atendimento educacional especializado e uma formação sobre educação inclusiva com um percurso de 6 meses para melhorar o atendimento aos alunos que necessitam de uma atenção mais específica.

Atualmente esses professores fazem a diferença no sentido do professor de sala de aula regular ter e encontrar esse apoio na sala de recursos multifuncionais, os professores de AEE.

CONCLUSÃO

No município de Itapipoca existem na sede 8 salas multifuncionais, sendo que no interior do município chegamos a ter mais 8 salas com professores sendo formados para lidar com diversas situações com alunos que precisam desse atendimento especializado, todos relatam que é muito importante o trabalho por eles executados pois todos conseguem o feedback do aluno e dos professores de sala regular havendo assim uma boa comunicação e bons resultados diante das dificuldades existentes em cada escola com cada aluno, diferenciado de suas necessidades e atividades.

Trabalhar com pessoas com deficiência auditiva se torna gratificante porque você está sempre conectado com o novo, o professor precisa se voltar para inovar cada vez mais eu costumo dizer que é uma conquista a cada dia, principalmente o professor de AEE porque ele precisa saber sempre mais e conhecer todas as deficiências para lidar com seu público-alvo. É nessa busca pelo conhecimento que nossa equipe de professores viajam uma vez por semana 154km até Fortaleza – Ceará para obter essa formação e levar até o município de Itapipoca onde trabalham, a formação acontece num instituto para cegos e surdos, onde os professores, instrutores e interpretes na sua grande maioria são surdos, cegos e ouvintes.

Nesse sentido acredito que a formação docente é muito importante não só dentro do ensino regular, ela deve atravessar fronteiras e adentrar na Universidade no intuito de receber esses alunos que necessitam de um ensino diferenciado e que não só os surdos entre si precisam



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

falar a língua de sinais, nós ouvintes precisamos compreender para que haja assim uma interação entre os sujeitos.

REFERENCIAS

BRASIL. Direito à educação: subsídios para a gestão dos sistemas educacionais: orientações gerais e marcos legais. 2. Ed. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Educação Básica. Brasília, MEC/SEESP, 2008.

IMBERNÓN, Francisco. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza, 4.ed. São Paulo, Cortez, 2004.

ROLDÃO, M. do C. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 34, p. 94-103, 2007.

Souza, D. T. R. (2002). A formação contínua de professores como estratégia fundamental para a melhoria da qualidade de ensino: uma reflexão crítica. In M. K. Oliveira, D. T. R. Souza & T. C. Rego, *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea* (pp. 249-268). São Paulo: Editora Moderna

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.